

jovens.

3.5. O Movimento e a Família

Com poucas exceções (...) a família em geral era “um saco”; a família de origem, pai, mãe, etc. eram “repressores” (porque antes de estar no movimento sionista, antes de ser socialista, a gente era adolescente, e, para adolescente, a família é um saco mesmo. Pai é um saco, não é? É repressor. Mãe também, não é? É. É óbvio. Com certeza. Eu via isso). Nosso relacionamento com a família era essa coisa que qualquer pai, qualquer mãe, hoje ou sempre, reclama: a casa era uma pensão; você entrava, tomava banho e saía - como um adolescente usa a casa hoje, como a gente usava na época, só que ao invés de ser um adolescente clássico ou de hoje, era um adolescente que ia para o Dror, porque era lá o seu espaço. [26]

Parece não haver mais muita discussão entre os estudiosos sobre a idéia de a juventude na sociedade de classes ser um período propício à *remodelação de valores e idéias e de exploração da relação de cada um com o mundo quando o jovem pode explorar, dentro de parâmetros de sua situação imediata de classe, certos elementos da identidade obtida versus a identidade atribuída*⁴⁰ sendo que muitos trabalhos sociológicos e antropológicos já foram dedicados ao estudo da *continuidade/descontinuidade de valores intergeracionais*⁴¹. Entretanto, antes que se dê *uma importância excessiva à categoria de idade como origem das diferenças de perspectiva entre uma geração e outra*⁴², é preciso levar em consideração as especificidades do grupo juvenil analisado, incluindo a historicidade de suas práticas.

De certo modo, a “oposição à família de origem” e o “estímulo ao conflito de gerações” eram características componentes de um movimento juvenil como o Dror (com todas as ressalvas apresentadas no capítulo II). Mas não basta constatar que o Movimento criava entre os jovens uma determinada oposição à família de origem ao proporcionar espaços para o desenvolvimento de modos de pensar e parâmetros de comportamento específicos de tais jovens. É preciso dizer como e por quê.

Alguns pontos que compõe o quadro de como a família era pensada no Movimento juvenil já foram discutidos nesse trabalho: a família judaica da Diáspora, por ser pequeno burguesa, trava os ideais do movimento revolucionário e não condiz com a idéia socialista que propõe novas relações familiares.

A oposição à família de origem tal qual aparece no Dror é, de certa forma, comum a outros movimentos juvenis que procuram criar um *esprit de corps*, forjando uma consciência de grupo voltado para algum modelo de reformulação da sociedade⁴³. A ideologia do Dror acenava com *interesses superiores* (o futuro do povo judeu e a sociedade de justiça social) que justificariam um combate e até um rompimento com a autoridade familiar caso necessário.

Além disso, em termos mais simbólicos, a construção do *novo homem* - expressão que aparece com diferentes significados em diversos movimentos revolucionários - explica a oposição ao que é visto como “velho”, “ultrapassado”. Assim, a proposta de construção de uma nova sociedade parte do princípio que se faz críticas à existente. A família de origem seria parte desta, portanto sujeita à contestação de seus filhos revolucionários.

É preciso lembrar também que os *chaverim* brasileiros bebiam na fonte dos pioneiros da segunda *aliá*, jovens que, em grande parte, haviam tido *dissensões com seu background judaico tradicional*, o *background* paterno da Diáspora, para poderem estabelecer na Palestina sua nova sociedade⁴⁴. E mais, que a oposição ao *background* familiar é uma tradição

ideológica não só dos movimentos juvenis sionistas socialistas da Europa, dos quais o Dror é herdeiro, como do movimento juvenil que inspirou fortemente a estruturação destes: a juventude alemã do Wandervögel.⁴⁵ Mesclada às idéias desses jovens alemães de *amor à natureza, apego à vida simples, alegria no trabalho, regeneração do indivíduo e sua emancipação das amarras urbanas e das convenções artificiais* - que entusiasmaram os jovens judeus da Europa Oriental - estava a da *revolta contra a tradição*, traduzindo-se no rompimento com a geração dos pais⁴⁶. Os jovens do Wandervögel, filhos de elite, revoltavam-se especificamente contra o autoritarismo das famílias burguesas e da educação que recebiam nas escolas alemãs. Procuravam um estilo de vida *mais autêntico e próximo da natureza*⁴⁷. A rebelião dos wandervögel não chegava a tomar forma de um programa político para a destruição do que acreditavam ser os *falsos valores* e a criação de uma nova sociedade, pregavam simplesmente a fuga para o campo. Os movimentos juvenis judaicos, entretanto, acrescentaram sua releitura destas “influências alemãs” a outras tantas na elaboração de suas idéias sobre a paz possibilitada pelo contato com a natureza (juntamente com o trabalho na terra) e a revolta contra as tradições restritivas (vista como a negação da vida de gueto ou da *shtetel*), somando-as a interesses políticos, nacionais e revolucionários do sionismo socialista, construindo, assim, sua versão *chalutziana*. Esta versão pioneira acabou consolidada nos valores kibutzianos do *período revolucionário*⁴⁸ - outra fonte de inspiração drorista - que reprovavam a limitação da vida à célula familiar (pois parecia cercear a liberdade), que criticavam a desigualdade entre homens e mulheres nas famílias burguesas, que esperavam que os laços naturais fossem substituídos por laços eletivos, que as satisfações afetivas (que na *vida de gueto* provêm da família) fossem encontradas entre os companheiros e que as obrigações para com o kibutz fossem maiores que as para com a parentela.⁴⁹

Também podemos ver no caráter das relações forjadas no Movimento - muito em função dos seus objetivos e do ideal nele alimentado - semelhanças com o que chegou a ocorrer na *fase revolucionária* do movimento kibutziano⁵⁰:

- a ideologia tornava-se um fator determinante no surgimento de laços de amizade enraizados na identificação de idéias e uma missão comuns. Parentes e amigos que não compartilhavam dessas idéias foram se distanciando cada vez mais do convívio e do diálogo com os jovens enquanto fortes laços eram criados entre os que iriam viver a mesma aventura.
- o objetivo de morar em kibutz, exigindo mudanças radicais de pontos de vista e estilo de vida, pressupunha a quebra de laços locais e familiares. Portanto, a ideologia pioneira induzia os *chaverim* a descartarem ligações com a família e o meio social - os jovens emigravam em grupo de iguais e não com a família de origem - de modo a que estivessem aptos para a *aliá*.
- o Movimento procurava persuadir os *chaverim* a considerarem os compromissos com o Dror - o Estado de Israel, o kibutz, a revolução social - mais importantes que os compromissos familiares.

E há quem sustente (acompanhando certas evidências subentendidas em textos droristas) que, embora o discurso não fosse tão explícito, de fato, o próprio Movimento procurava *substituir a família, superá-la*, no sentido de que *a solidariedade grupal criaria um círculo de envolvimento emocional, um sentimento de co-responsabilidade e uma camaradagem tal que, para os chaverim, deixaria de existir a necessidade de laços familiares*. Assim, o grupo de solidariedade básico deixaria de ser a família e passaria a ser a *kvutzá* e, mais tarde, o kibutz.

A sociedade burguesa era criticada e colocada em oposição à kibutziana. O

Movimento procurava diminuir a influência do meio em que se vivia - a *Diáspora*, a *sociedade burguesa* - valorizando ao máximo a vida socialista em Israel, entre outras formas, provocando um “conflito com a família de origem”.

... “nós somos diferentes dos nossos pais”, “eles têm uma cultura de gueto”, “eles falam iídiche” (embora os meus não falassem), “são estrangeiros, não falam bem português”, “são comerciantes, parasitas”... No Dror havia uma ideologia de forte oposição à família. (...) idéias de que os pais representavam o gueto e atuavam em profissões improdutivas. [17]

Com relação à família a qual nós pertencíamos... não era bem uma “oposição” e sim questionamento de uma autoridade rígida, [a favor da] liberdade. [6]

(...) nunca foi dito assim: “gente vamos quebrar os laços da criança com a sua família”, jamais, porque isso seria uma coisa de uma grosseria, de um agressividade terrível, mas a gente revia a família dentro desse contexto de [ser contra a] burguesia (...) - então você [madrinch ou madríchá] analisava com as crianças: “olha, o burguês fala em Deus, mas é hipócrita..., ele fala em moral, mas [anda com prostitutas] (...) a gente falava muito da hipocrisia da sociedade burguesa contraposta àquela sociedade franca e verdadeira e socialista e igualitária que a gente iria criar e que seria o próximo mundo, o mundo de após-guerra (...) quando se estudava a família, se falava da família burguesa, que mente, que põe os problemas embaixo do tapete, cujos pais exigem que seus filhos façam aquilo que eles próprios não fizeram... [14]

...e o que se plantava de coisas contra a família!... por exemplo, ... “porque família é uma coisa burguesa e você tem que fazer as coisas pela sua cabeça, se você tiver que abandonar a sua família para fazer aquilo que você tem que fazer [abandone]”... Falavam isso claramente. E os valores familiares não eram importantes, os valores sociais e fazer a sua vida em Israel é que eram importantes. (...) O [...] largou a mãe dele aqui sozinha!... e foi para Israel!... O coletivo era isso, era viver em função do grupo... e a gente achava o máximo abandonar a família (esta é que é a minha grande revolta...) [10]

Nós negávamos a família. Eu lembro de pelo menos duas discussões (...) em que nós massacramos a família, porque a família era “uma estrutura econômica de caráter burguês”..., (...) [mostrando como no kibutz as relações entre as pessoas seriam melhores:] “o amor é uma sensação de duas pessoas ... os filhos são filhos do kibutz, portanto, [casal e filhos] são coisas totalmente separadas”... “a família (qualquer família) deixaria de ter função, a instituição família seria substituída pela instituição grupo de solidariedade”. (...) Porque a família judaica, segundo a visão do Movimento, era uma família de Galut, de Diáspora, uma família de perdedores, um grupo de derrotados, de fracassados, de humilhados, de gente que foi perseguida durante décadas e décadas na Europa Oriental, que sofreu pogroms e não se revoltava, não lutava para pegar o destino em suas mãos, eram pessoas sem orgulho de si mesmas, que esperavam um milagre, quando milagre não existe. E nós tínhamos que tomar o nosso destino nas mãos. Era essa a pregação. A família dos pais, dos avós, era uma espécie de “geração do deserto”, na concepção de Moisés. Era uma família que iria ficar por aí mesmo até acabar morrendo, mas os jovens, os novos, esses sim iriam para Israel e criariam a redenção do povo judeu. [27]

Outro ponto potencial de choque entre Movimento juvenil e família, além das polêmicas questões da *proletarização* e da *aliá*, encontrava-se na interferência do Movimento em esferas comumente consideradas do âmbito familiar, os “assuntos de família”, como os padrões morais e éticos. Muitas vezes, o que era ensinado em casa era questionado e desaprendido no Dror. Em certas situações, os jovens, mesmo agindo contra os princípios morais da família, procuravam manter as aparências para não contrariar os pais. Em outras, buscava-se conciliar as duas tendências, como, por exemplo, os casais de namorados que, antes de embarcarem para a futura vida no kibutz, casavam-se, no civil e até no religioso, *para agradar a família*. Em certos casos, entretanto, o *chaver* ou, mais propriamente, a *chaverá*

via-se obrigada a sair de casa para viver *conforme o coração mandava*.

Por vezes, os *madrichim* ou os *shlichim* chegavam a interferir na dinâmica familiar de *chanichim* em conflito com os pais ou parentes próximos para procurar apaziguar os ânimos; sentiam-se tão responsáveis e seguros de si que eram capazes de visitar as famílias e apresentar seu ponto de vista (salpicado de considerações *ideológicas*), de maneira respeitosa, mas contundente, diante de ouvintes nem sempre tão calmos e receptivos.

Além de proporcionar um espaço de autonomia para o jovem com relação à família - onde o pai não manda, onde se pode *reclamar da família* e dizer “*meu pai não me entende*” -, o Movimento dava apoio aos que queriam sair de casa, não só por motivos ideológicos, mas também por questões econômicas ou pessoais, porque, como definiu um *ex-chaver*, *não era todo mundo aquele “filhinho bem comportadinho de uma família judaica de classe média”*, havia casos de jovens com problemas graves nas famílias. Alguns chegavam a extremos como pais separados, filho *abandonado*; pai bêbado que batia na mãe, filhas *desesperadas*...

O [...] passou por muitas dificuldades antes de estar no Movimento... problemas familiares... (...) e eu procurei me aproximar dele, não só para trazê-lo para o Movimento, mas, sobretudo, para me tornar seu amigo (...). Ele, por exemplo, não tinha dinheiro nenhum. Naquela época, o meu pai me dava um dinheiro e o meu dinheiro pagava para os dois. Quando a mãe dele faleceu, eu o confortei, era uma amizade além de movimento juvenil... E teve também o [nome de outro chaver] (que a gente trouxe para o Movimento e está em Israel até hoje, no kibutz), que veio de uma família muito pobre (...) ele acabou fazendo aliát hanoar, com a ajuda da Organização Sionista, e foi para Israel, com quinze anos, porque não tinha condições mais de vida aqui. (...) Isso é uma das coisas boas que o Movimento conseguiu fazer por gente que estava meio que perdida: encaminhou para Israel, deu um ideal... Nós tivemos outras pessoas também em situações semelhantes (...) a gente se solidarizava com elas. [29]

Eu não me imagino hoje como eu sou sem a experiência no Movimento, ela foi a base da minha formação. (...) foi uma época muito feliz, em que eu estava consciente de estar fazendo o bem. Talvez o Movimento tenha sido para mim “meu pai e minha mãe”, porque eu não tinha estrutura familiar. [31]

Se com relação à *família burguesa* ou *pequeno burguesa* abstrata, teórica, havia quase uma unanimidade na posição crítica dos *chaverim*, o mesmo não ocorria ao tratar-se das famílias concretas.

Havia sim uma idéia de achar que a família era burguesa. (Acho que muitos pais sofreram com isso). (...) Eu estava bem com a minha família... tinha aquelas minhas revoltas (que eu acredito que hoje também se tenha e que sempre se teve, com outras faces)... eu tinha brigas, porque eu achava que o meu pai era capitalista, mas eu tinha laços muito fortes com a minha família que não foram afetados nem de um lado, nem de outro. Nunca me passou pela cabeça sair de casa por isso... lá eu tinha o meu piano e uma liberdade razoável. [20]

Mesmo em termos de posturas “mais oficiais” no Movimento, considerações depreciativas com relação aos pais mesclavam-se, por exemplo, com o reconhecimento do esforço que estes faziam para manter seus filhos ou da necessidade de se respeitar os mais velhos; muitas vezes, as opiniões eram contraditórias. A “oposição à família” no Dror não significava, nesse nível, uma aversão radical: acreditava-se que a *missão* pioneira incluía a possibilidade de salvação dos pais (ameaçados como todos os judeus) e que o kibutz receberia os familiares dos *chaverim* dispostos a emigrar assim que apresentasse condições materiais para tanto (um consolo para vários que, apegados à família, fizeram *aliá*).

No momento da decisão de deixar o Brasil, muitas vezes, os laços familiares eram

pesos fortes no prato da balança que indicava a permanência. Parentes autoritários, pais e avós doentes (ou abusando da *chantagem emocional*), mães aflitas ou familiares em dificuldades financeiras foram capazes de segurar aqui alguns *chaverim*, enquanto outros jovens partiram preocupados ou inseguros de terem feito a coisa certa.

Quando eu entrei no Movimento, eu já tinha a idéia de aliá, mas eu tinha também uma ligação muito intensa com meus pais (especialmente com minha mãe) e comecei a ter sentimento de culpa [por deixá-los]... passei a consultar um psiquiatra judeu, que me desaconselhou a emigrar dizendo que minha mãe não teria condições de encarar a separação, porque ela estava muito ligada a mim e eu era um esteio para ela: "- Adie a idéia pelo menos, porque isso lhe fará muito mal..." (hoje eu vejo que ele tinha razão, seria uma situação desastrosa). Primeiro eu adie e depois afastei de vez a idéia de emigrar... [5]

Também houve casos em que, mesmo não encontrando resistência forte dos pais à *aliá*, os próprios filhos desistiram de enfrentar o *sacrifício* que seria abrir mão do convívio familiar que tinham no Brasil.

Eu era bem apegada à família... eu não tinha brigas em casa... e meus pais não faziam nenhuma oposição à minha aliá. Quando a [outra chaverá] saiu de casa, foi uma tragédia, saiu fugida. (...) [a idéia de desligar-me da família], para mim foi ficando cada vez pior na medida em que eu sentia que adorava meus pais. (...) [largar a família] para mim era uma coisa complicada... [diferentemente de] uma pessoa como a [outra chaverá], por exemplo, cujo o pai era super ortodoxo e a mãe ficava na frente do espelho duas ou três horas antes de descer... af tudo bem, ela tinha mesmo a necessidade de romper com aquela maneira de viver, que para ela não significava nada. Agora, para mim, era diferente... eu me dava bem com a família. Mesmo depois de sair do Clássico para trabalhar na militância integral continuei morando em casa. [10]

A dificuldade em desligar-se da família de origem cresceu também à medida em que o tempo encarregou-se de mostrar aos *chaverim* no Brasil que levar os pais para o kibutz não era algo tão fácil como se imaginara a princípio.

Pensei muitas vezes em levar meus pais para lá. A minha vontade era de que todos nós fôssemos. Houve um momento em que eles estiveram até muito propícios a isso: a vida para eles não foi muito fácil economicamente aqui no Brasil. (...) Mas havia algumas dificuldades... no kibutz, eles não estimulavam a gente a trazer os pais (...) Os velhos que vinham eram problemas que estavam vindo: teriam que se adaptar ao kibutz, não tinham a mesma força de trabalho, significavam mais despesas do que qualquer outra coisa... Até havia como recebê-los, mas procurava-se evitar. Familiares levados para o kibutz geralmente deram problema, não se adaptaram bem e queriam ter comodidades, não tinham aquele preparo e aquela consciência das dificuldades, não queriam mais passar por dificuldades - geralmente, quando faziam aliá é porque tinham problemas aqui e queriam resolvê-los indo para Israel. Um lugar comum na época era pensar que todos os problemas seriam resolvidos pela Agência Judaica, ou qualquer outra instituição, tanto que, quando havia qualquer coisa, se dizia: "- ...mas o Movimento não paga? Israel não paga?" (...) [e não era bem assim]. Por isso é que, no Movimento, foi aos poucos se formando um tipo de projeção da vida da gente lá em Israel que superava as ligações familiares. [21]

...por essa mesma época [aproximadamente de 1956 em diante] (...) [em Bror Chail,] começamos a receber pais de *chaverim*. Em geral, os kibutzim não queriam receber os pais, porque não tinham condições, preferiam que eles se arrumassem na cidade... Nós, entretanto, achávamos, inclusive ideologicamente, que para uma sociedade funcionar ela deve ter todas as gerações. Na realidade, isso foi muito pesado para nós, porque vieram relativamente muitos pais... alguns poucos contribuíam com seu trabalho... o peso econômico era enorme, porque eles não produziam praticamente nada e recebiam tudo como todo mundo: quarto, suprimentos, comida, saúde.

Tentamos por algum tempo (e isso foi bobagem de jovens) tratá-los como *chaverim*... foi um erro, porque eles eram muito mais velhos... a sorte foi que eles não exerceram muito o direito de votar e serem votados, pois eles não sabiam o que fazer e foi bem problemático. (...) Nós introduzimos algo que não havia ainda em nenhum outro kibutz e que era para beneficiar pessoas brasileiras que queriam visitar os pais no Brasil, especialmente em casos em que a família passava por alguma necessidade e não podia custear a viagem: um fundo para o qual cada um do kibutz contribuía (incluindo os *shlichim* e os que estavam cumprindo tarefas na cidade)... com isso, muitos [*chaverim*] viajavam... [2]

Destas viagens (ou de outras, pagas pelas famílias), entretanto, vários *chaverim* acabaram não voltando para Israel, ficaram no Brasil. Os motivos alegados eram variados, mas em grande parte diziam respeito às ligações familiares: pais precisando da ajuda do filho nos negócios, mães viúvas necessitando de consolo e amparo, familiares gravemente doentes etc.. Sem entrar no mérito de saber se essas eram as “verdadeiras razões” para se abandonar o kibutz e os companheiros (não somos psicólogos ou detetives), o que cabe constatar aqui é que os “motivos familiares” eram justificativas presentes, mais ou menos aceitas, no universo mental dos *chaverim*, o que nos dá uma idéia dos limites da *ação educativa* do Movimento no Brasil, sua crítica à família de origem e sua proposta de substituição dos laços familiares pelos de solidariedade grupal.

Assim como muitos jovens sentiam-se divididos entre a lealdade aos ideais do Movimento e o apego afetivo à família no Brasil, muitos pais também viviam grandes contradições internas, torturados diante do dilema de apoiar a esperança sionista e separar-se do filho querido... como o pai da *chaverá* que, sendo sionista e tendo ele próprio planos de *aliá*, *chorou desesperado* ao ver a filha partir no navio para Israel.

Eu me lembro, antes de minha mãe morrer... meu irmão falou algo como: “- Estou cogitando de ir para Israel”... e minha mãe, com lágrimas nos olhos: “- Vai filho, vai, porque depois do que aconteceu na Europa, depois que todo mundo morreu, talvez essa seja uma nova esperança para o povo judeu”. Viu? Uma mulher judia, mãe, único filho homem, doida por ele, falou isso!!! [14]

O inverso também ocorria: pais ou mães decepcionados com filhos que frustraram suas expectativas. Após ganharem um certo prestígio entre os amigos na coletividade judaica ou reavivarem seus próprios ideais de *aliá*, ao ter seu filho ou filha partindo para Israel, recebiam desapontados a notícia do retorno.

...no Movimento se largava tudo para ser militante. (...) Eu larguei [os estudos e o trabalho] por conta própria - eu era fanática. Meu pai tinha o maior orgulho disso... mas na hora da minha *aliá* foi muito duro para ele, não que ele não quisesse, mas sofreu. Minha mãe ficou doente por dois anos. (...) [Entretanto,] o pior para o meu pai não foi as duas filhas terem ido e sim voltado de lá: foi um baque. Depois que nós duas voltamos, ele nunca mais foi ativista, o amor próprio dele acabou, infelizmente acabamos com sua alegria... [4]

Mas em geral, os pais colocavam seus filhos no Movimento juvenil porque, naquela época, não era tão fácil encontrar na sociedade mais ampla outros tipos de organização que propiciassem semelhante convívio com judeus e educação judaica. Muitos apoiavam a participação de seus filhos também porque não se sentiam habilitados a orientá-los quanto a problemas judaicos e sobre como se posicionarem, como judeus, com relação à sociedade mais ampla. E, finalmente, incentivavam a frequência no Movimento, porque acreditavam que esta seria uma garantia contra casamentos mistos (considerados *uma desgraça* para as

famílias, resultando no afastamento da comunidade)⁵¹. Sendo assim, o mais comum era os pais se assustarem diante das conseqüências “inesperadas” da *ação educativa* drorista: o abandono dos estudos, a expectativa da *aliá*, o projeto de viver num kibutz.

As reações foram as mais diversas e dependiam, em grande parte, do tipo de relacionamento existente entre pais (ou responsáveis) e filhos em cada família⁵². Quanto ao comprometimento dos jovens com os ideais *chalutzianos*, a posição das famílias variou, com gradações, do apoio total ao rompimento de relações, sendo que alguns pais, discordando dos filhos, em algum momento, tentaram fazê-los - com argumentos, chantagens econômicas e emocionais ou violência física - mudar de idéia. Alguns obtiveram sucesso, outros não.

O que é de certa forma surpreendente, mas compreensível, é que nenhum dos depoimentos mencione que os pais tivessem com relação à participação de suas filhas menores nas atividades do Movimento (incluindo encontros e acampamentos) alguma restrição de caráter moralista. Pelo contrário, os *ex-chaverim* que tocam no assunto negam que esse fosse um motivo alegado pelos pais descontentes com suas filhas no Dror, sendo comuns, no entanto, as reclamações contra a vida de trabalho que elas iriam levar no kibutz - *não criei minha filha para descascar batatas*.

É surpreendente, porque nessa época *era grande o medo de que as mocinhas se desviassem do bom caminho sendo que a educação moral e a vigilância sobre elas se faziam necessárias*, a virgindade era extremamente valorizada na sociedade e as jovens eram alvo de todos os tipos de conselhos que procuravam mantê-las como “moças de família” longe da fama de “levianas” e “mal faladas”⁵³.

É compreensível, porque os pais confiavam nos *madrichim*, principalmente por serem de um grupo judaico - o sentimento etnocêntrico⁵⁴, na época, era muito forte - e os judeus eram tidos como confiáveis. A juventude de movimento judaico era tida como séria. (Pode ser também que os anseios ligados a questões morais existissem por parte dos pais, mas não fossem manifestados clara e abertamente ou fossem sobrepujados pela confiança depositada nos jovens judeus). Os *madrichim*, por sua vez, tomavam cuidados para tranquilizar as famílias e, de resto, o código da moralidade dominante e as sanções que prescrevia às jovens rebeldes eram bem conhecidos por todos e, mesmo com toda ideologia antiburguesa, os valores da família judaica, como disseram os próprios *ex-chaverim*, *serviam de contrapeso*, eram uma forte referência para os jovens no Movimento.

Eram outros tempos... se podia levar uma menina para casa à meia noite, à uma hora da manhã, não tinha problema nenhum, (...) os pais estariam esperando em casa, talvez preocupados, mas confiantes, porque ela estava acompanhada por alguém do Movimento. Com os jovens do Movimento acontecia de telefonarem para casa às duas horas da manhã avisando que ainda estavam no Dror... e os pais sabiam que não estavam na rua, bebendo ou fazendo outra coisa. [29]

O Carabina coordenou o primeiro acampamento a que eu fui... e eu me lembro que meu pai me levou até a estação de trens, olhou para o Carabina (que já era estudante de medicina na época, um homem já) e imediatamente depositou nele confiança e estima... Eu acho que os pais acreditavam que os *madrichim* cuidariam para que tudo estivesse bem (...) que as crianças não fossem fazer alguma tolice qualquer, como naufragar num rio..., que iriam comer e que iriam dormir em hora certa e que não haveria problemas de ordem “moral” (entre aspas), embora eu ache que estes não eram uma preocupação muito presente dos nossos pais... acho que nem lhes passava pela cabeça que poderia haver uma problemática dessas em idade tão jovem. [14]